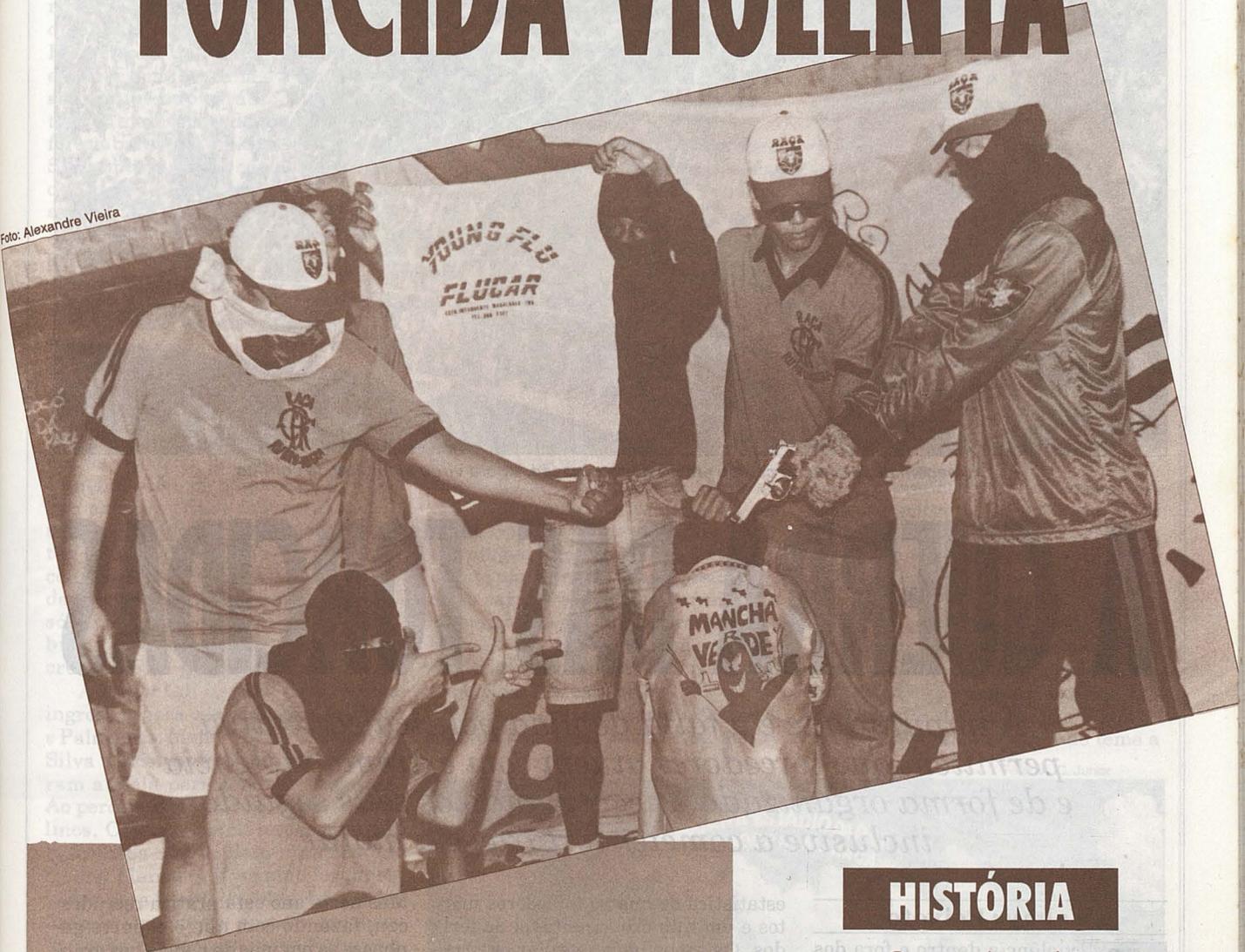


## TORCIDA VIOLENTA

Foto: Alexandre Vieira



*Torcedores da  
"Raça Rubro-Negra"  
fazem demonstração  
de tortura empregada  
contra os membros  
de outras torcidas*

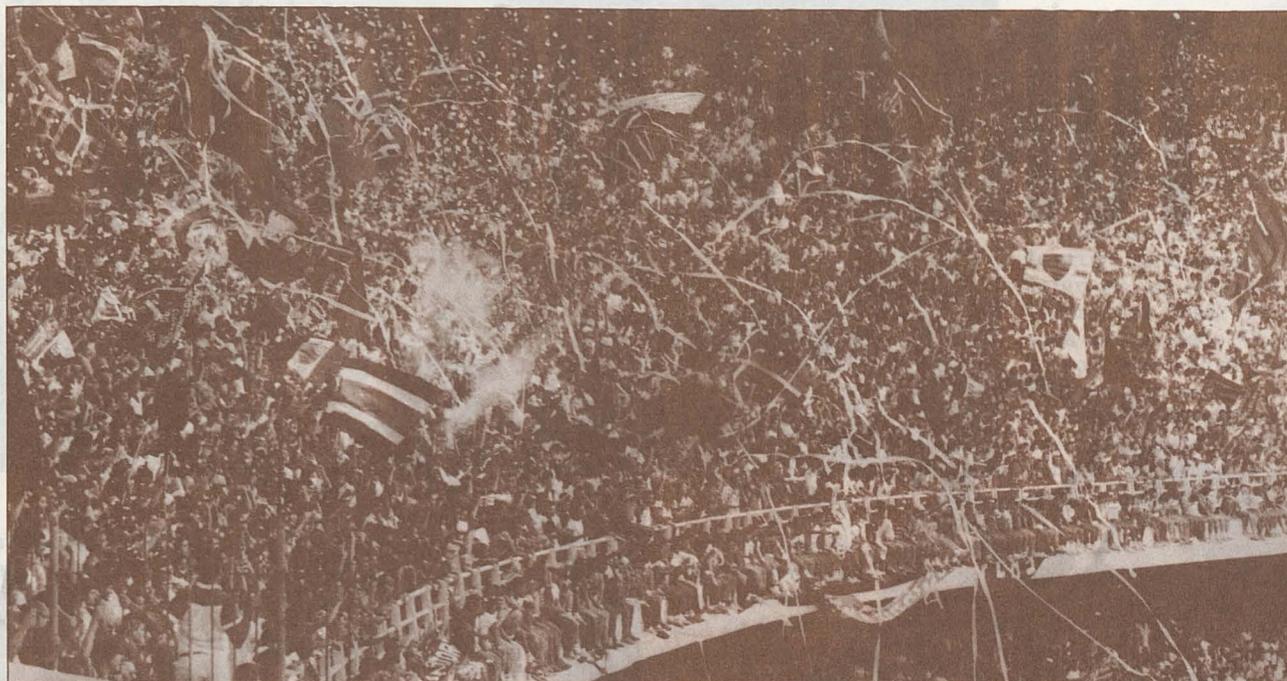
### HISTÓRIA

Os arquivos da  
repressão e dos  
reprimidos

Página 7

A invasão japonesa  
a Hong Kong

Página 9



A imagem da torcida no campo era pura empolgação. Agora virou sinônimo de conflito

# A GUERRA DAS TORCIDAS

*A impunidade e a falta de uma política educativa permitem que torcedores atuem com extrema violência e de forma organizada, incentivando os seus seguidores inclusive a cometer torturas e a matar*

## Walmyr Peixoto

**A** violência dentro e fora dos estádios está tirando o brilho da conquista, pelo Brasil, do tetracampeonato no Mundial dos Estados Unidos. Em todo o país, principalmente nos grandes centros como Rio e São Paulo, os estádios deixaram de ser palco de espetáculos e transformaram-se em praças de guerra. O Campeonato Brasileiro deste ano serviu de pano de fundo para batalhas interestaduais, deixando, só no segundo semestre, a sinistra

estatística de quatro torcedores mortos e um número incontável de feridos. Os hinos para motivar os jogadores em campo foram trocados por gritos de guerra e palavras de ordem que incitam a violência. Na hora da briga, a bandeira, símbolo maior do clube, vira arma. A constatação é de que o futebol só evoluiu, mesmo, dentro das quatro linhas que delimitam o campo de jogo.

Briga de torcida não é um fenômeno recente. As rivalidades começaram praticamente na década de 70, quando foi criado o Campeonato Nacional.

Mas neste ano esta prática recrudescceu, fazendo com que o esporte ganhasse as páginas de polícia nos grandes jornais. Em 94 morreram dois torcedores em São Paulo e dois no Rio em virtude da rivalidade violenta. Cada facção se acha dona de um território delimitado no estádio ou em seu próprio local de reunião. São como tribos que não permitem a invasão do "inimigo". E essa intromissão leva ao homicídio, ferimentos graves, torturas e humilhações.

Os casos mais recentes foram o assassinato de Roniver Soares Fonseca,

da Torcida Jovem do Flamengo, emboscado dentro de um ônibus por torcedores vascaínos, e Sérgio Câmara de Oliveira Silva, torcedor do Flamengo, morto pela Força Jovem do Vasco na estação de trem da Piedade, bairro do subúrbio do Rio. Torcedores do Flamengo e do Palmeiras entraram em luta no Maracanã e a briga prosseguiu fora do estádio. Resultado: três palmeirenses da Mancha Verde foram baleados e Wágner Soares da Silva morreu. Por causa deste incidente, a polícia paulista armou um aparato de guerra para proteger os flamenguistas na partida do Flamengo com o São Paulo, temendo represália dos palmeirenses.

**Episódio chocante** – A Mancha Verde é considerada a torcida mais violenta de São Paulo. Em recente incursão na sua sede, a Polícia Militar apreendeu baquetas de bumbo, pedaços de pau com parafusos na ponta, cabos de vassoura quebrados, canos de torneira, além de bombas de fabricação caseira. Esse material geralmente é usado em dia de jogos, dentro ou fora do estádio, em choques com torcidas rivais. A Mancha Verde, inclusive, proporcionou um episódio que chocou a opinião pública brasileira, devido ao requinte de crueldade e à gratuidade do ato.

A menor C.S.C, de 17 anos, vendia ingressos para o jogo entre São Paulo e Palmeiras. Manoel Damião Souto da Silva e Rosivaldo Gueiros Barros foram até ela para comprar entradas. Ao perceber que os dois eram são-paulinos, C.S.C. chamou torcedores palmeirenses que bebiam num bar em frente. Manoel e Rosivaldo foram levados para a sede da Mancha Verde, ficando em cárcere privado por duas horas, sofrendo todo tipo de torturas e humilhações, sendo libertados com escoriações generalizadas, fraturas e dentes quebrados. Os agressores já estão presos e a advogada de defesa deles alega que as vítimas provocaram moralmente os membros da Mancha Verde, entrando na sua sede com a camisa do São Paulo.

É fato que esse grupo não vai para o estádio torcer por seu clube. Eles são minoria, mas se impõem pela truculência. Passam a maior parte do jogo

de costas para o campo, entoando hinos que incitam a violência ou que fazem apologia às drogas. Ficam o tempo todo provocando a torcida adversária até conseguir o confronto. Ruço, um famoso torcedor da Raça Rubro-Negra, diz que vai para o estádio com sede de vingança. Mas não sabe dizer contra o quê ou contra quem. “Eu gosto de ir para o Maracanã para sair no ‘pau’, principalmente se o jogo for contra o Vasco. Para mim, brigar é a maior diversão. Sinto uma emoção danada quando ouço os caras gritando de dor”, se vangloria.

Eles não gostam de se identificar pelos nomes verdadeiros, preferem se esconder atrás de apelidos. Mesmo assim, alguns membros da Raça Rubro-Negra decidiram revelar os motivos que os levam à violência. Foram ouvidos torcedores que são conhecidos como Churrasco, Peste, Vingador, Guerreiro, Lobo Solitário, Leão da Montanha e Kamikaze. Guerreiro diz que, antes de um jogo, a preparação é toda voltada para uma batalha e é estabelecida conforme a torcida adversária. Pode variar de um simples ônibus alugado, onde a torcida é agrupada, até manobras de maior precaução, como carros com escoltas armadas e morteiros de alto poder, conhecidos como 12 por 1, além de uma análise cuidadosa do melhor e mais seguro trajeto para os estádios.

Por mais paradoxal que seja, esses membros da Raça Rubro-Negra afir-

mam que vão ao estádio para incentivar o time, apesar de todo aparato bélico que carregam. “Somos instruídos a nunca provocar brigas, mas temos nossa ideologia própria. E se formos atacados ou insultados, vamos reagir com mais violência do que a que nos foi imposta”, diz Guerreiro, acrescentando que as torcidas levam tão a sério seu fanatismo que qualquer música que desmereça seu clube já é motivo para xingamentos e agressões físicas.

Os membros da Raça Rubro-Negra explicam que uma rixa antiga pode levar à briga na arquibancada, tornando-se a violência uma bola de neve, com confrontos que nunca terminam. As torcidas são divididas em aliadas, neutras ou inimigas. Esses torcedores dizem que não temem a polícia, porque essa instituição não se faz respeitar fora dos estádios. Portanto, na concepção deles, o policiamento não tem força para conter a violência e, quando o faz, tortura e espanca torcedores, mas não prende dentro da legalidade. Dois dos gritos de guerra que a Raça Rubro-Negra mais canta nos estádios são: “Somos casacas vermelhas com moral e vibração. Nós somos da torcida mais temida da nação. Somos fogo em movimento ao combate aproximar. Nós fazemos o inimigo pedir perdão por seus pecados, pedir perdão ajoelhado. Liderar e massacrar. Raça Rubro-Negra” e “Flamengo unido é muito forte, não teme a luta, não teme a

Foto: A. C. Junior



Campanhas contra a violência começam a ser articuladas

morte. Avante companheiros, essa luta é minha, é sua. Unidos venceremos e a luta continua”.

#### Justiça pelas próprias mãos –

A torcida Raça Rubro-Negra é a maior facção organizada do Flamengo, com 28 mil integrantes. Alguns deles pediram “licença” e se desligaram para fazer “justiça pelas próprias mãos” contra torcedores da Mancha Verde, do Palmeiras, e da Força Jovem, do Vasco, suas grandes rivais. Segundo o diretor da Raça Rubro-Negra, Caio César, o Jabá, tem componente da torcida que chora de ódio só de ouvir falar nos nomes da Mancha Verde e da Força Jovem do Vasco. Ele diz que sua torcida anima os jogos com coreografias e bandeiras gigantes. Mas que, infelizmente, existe uma minoria que só quer violência.

Para o capitão da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, Nilton Alves Braga, comandante do Grupamento Especial de Policiamento de Estádios (Gepe), a guerra entre as torcidas organizadas é patrocinada pelo narcotráfico. Ele está desde fevereiro na função e garante que esses grupos se caracterizam pela crueldade e está

convencido de que há traficantes infiltrados nas “organizações”: “Os hinos entoados nas arquibancadas pelos torcedores que fazem apologia das drogas e a postura agressiva destes são típicos do narcotráfico, que procura arregimentar ‘soldados’ e aumentar o consumo de drogas”, revela o capitão Braga. “Hoje os chefes dessas torcidas não passam de fantoches, tendo perdido a liderança sobre seus associados”, assinala.

**Policiamento preventivo** – O subcomandante do Gepe, tenente Luís Sérgio Dias Esteves, explica que, quando vem torcida de outro estado, seu grupamento aguarda os ônibus nas divisões estaduais. Se for jogo de um time carioca contra um paulista, os torcedores são recebidos na Rodovia Presidente Dutra. Lá, passam por uma revista e depois são escoltados até o Maracanã. Durante o jogo, o Gepe utiliza de 120 a 150 homens dentro do estádio. O 6º Batalhão faz o policiamento externo. O Gepe foi criado pela Polícia

Militar exatamente em função do recrudescimento da violência entre os torcedores.

Durante os jogos é feita uma rigorosa revista na entrada do estádio e as torcidas rivais são separadas por uma linha de soldados, para evitar o confronto. A filosofia do Gepe, segundo o tenente Dias, é o policiamento preventivo, com coletas de dados sobre as facções de torcidas, interagindo com a comunidade. Como policiamento preventivo, subentende-se a revista, onde são apreendidos pedras, baquetas de bumbo, latas e até o próprio bumbo, que, por seu peso e tamanho, é uma arma em potencial. O tenente Dias revela que nunca houve um flagrante de armas de fogo ou arma branca.

As torcidas que dão mais trabalho ao Grupamento Especial de Policiamento de Estádios são a Mancha Verde, do Palmeiras, Independente, do São Paulo, Gaviões, do Corinthians,



A Fifa proíbe lugares para pessoas em pé nos estádios

## Não aos baderneiros

Entidade máxima do futebol, a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) tem normas padronizadas para os eventos que patrocina, a fim de evitar a violência. As principais medidas são a proibição de lugares nos estádios para torcedores de pé, reforço policial, punições severas para as federações locais, como multa e até suspensão.

A Inglaterra é o país que mais sofreu sanções, tanto da Fifa, como da União Européia de Futebol Associado (Uefa). O futebol inglês foi suspenso por cinco anos – de 1988 a 1992 – de qualquer competição internacional. Os clubes ingleses sofreram grandes prejuízos e foram obrigados a se desfazerem de seus melhores jogadores, devido às fracas arrecadações no campeonato interno.

E na Inglaterra onde se encontram os maiores vândalos do futebol europeu. No recente jogo Barcelona x Manchester United, os ingressos no estádio espanhol do Nou Camp se esgotaram uma semana antes do jogo. Mesmo assim, cerca de quatro mil ingle-

ses foram para Barcelona e, por não terem podido assistir ao jogo, depredaram um bairro inteiro, incendiando carros e destruindo bares. Eles foram presos, julgados e deportados.

Na tentativa de coibir a violência de seus torcedores, os dirigentes do futebol inglês, em conjunto com a polícia e a Justiça, criaram leis visando a punir os delinquentes. Foram instalados circuitos internos de TV nos estádios. Com isso, ficou fácil identificar o torcedor baderneiro, fichá-lo na polícia como “indesejável”. Esse torcedor fica condenado a não frequentar o estádio por determinado tempo e, nos dias de jogos, ele deve se apresentar ao juiz da comarca de onde mora, para prestar serviços à comunidade até o árbitro apitar o final da partida.

## VIOLÊNCIA

Fotos A. C. Júnior

Young-Flu, do Fluminense, Raça Rubro-Negra, do Flamengo, e as torcidas jovens de Flamengo e Botafogo. O tenente Dias sugere, para pôr fim à violência nos estádios, a interação entre os diversos órgãos, principalmente os clubes, que patrocinam as torcidas organizadas. "Não é só a polícia que deve ter esta responsabilidade", finaliza.

Para Maurício Murad, professor de sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e diretor do Núcleo de Sociologia do Futebol, a violência entre torcedores não se resume a uma visão única. "O problema é múltiplo, não tem apenas uma causa", diz. Murad desenvolveu uma pesquisa dentro da Uerj para o VII Simpósio Internacional de Vitimologia, em 1991, a qual explica o problema com as seguintes questões: "A causa é mais de fundo estrutural, pois o Brasil é um país violento e chega ser ilusão achar que é uma nação cordial. Por ter sido o último país a abolir a escravidão, tornou o quadro social perverso. Portanto, a situação histórica e social facilita a violência."

**O problema da impunidade** – O sociólogo acredita que um dos aspectos relevantes para a violência nos estádios é a impunidade dos torcedores. Outra questão levantada por Maurício Murad é o descaso das autoridades que não enfrentam os fatos de forma concreta, como a precária iluminação nos estádios, que facilita o arrastão. Ele vê, também, falhas no ingresso do público: "A polícia chega às 11 horas, o jogo começa às 17 e as roletas abrem às 15h30min. Esse intervalo leva às provocações, gerando os conflitos. Numa abordagem sociológica, o cidadão, dentro da multidão, cria um anonimato, protegendo-se nos atos violentos."

O sistema de transportes é outro ponto falho apontado por Murad. "À saída dos jogos, os ônibus somem. Isso gera insatisfação, revolta e facilita a violência. Se a massa escoar rapidamente, evita-se o conflito." A segurança externa também merece críticas: "Geralmente são 600 torcedores para cada policial. É



Maurício Murad: violência histórica

necessário um policiamento maior e mais eficaz", sugere Murad.

Para o sociólogo, numa análise profunda, a crise social brasileira é um aspecto para entender a violência. "Hoje existe a desagregação das referências, como família, educação e urbanidade, além da falta de respeito à autoridade." Para ele, é essa desagregação que elimina a respeitabilidade, gera o confronto e a barbárie: "Historicamente, as torcidas violentas surgiram na década de 70, na ditadura militar. O Maracanã virou uma válvula de escape para a juventude e daí surgiram torcidas com nomes de Jovem Fla, Torcida Jovem Vascaína etc. Toda a realidade do país estava fechada para os jovens."

Maurício Murad define o futebol como um patrimônio da cultura popular. Ele diz que as autoridades deveriam ter uma ação mais enérgica e sugere: "Deveria haver uma linha educacional e de trabalho junto às torcidas organizadas; tinha que se promover encontros com chefes destas torcidas e, por fim, mobilizar os craques e ídolos destes torcedores para uma campanha educativa pelas rádios e jornais."

**Em defesa do bom futebol** – O futebol é um esporte definidor da identidade coletiva do brasileiro. Por isso, Murad sugere a interação de todas as forças sociais em prol dessa cultura genuinamente nacional. "A paixão provoca violência. E não é só aqui, no Primeiro Mundo também existe



Tenente Dias: policiamento preventivo

este problema. Só que lá a punição é mais severa. Temos que trabalhar dentro de nossa realidade, pois nossa situação social é preocupante", conclui Maurício Murad.

Autoridades cariocas e paulistas já colocaram em ação parte do plano para erradicar a violência nos estádios. No Rio, o secretário de Esporte e Lazer, Jack London, anunciou que o Maracanã vai ganhar uma delegacia especial, com um delegado e dois inspetores, para atuar em flagrante os torcedores que forem pegos praticando atos de vandalismo dentro ou fora do estádio. London também mandou a polícia arrombar as portas das salas das torcidas organizadas, encontrando nelas fardo material que serve de armamento, como armas brancas, canos de ferro, bambus. Ele diz que "o objetivo é punir com rigor os responsáveis pela violência, colocando-os rapidamente atrás das grades".

Em São Paulo, a Polícia Militar pretende criar medidas visando a conter a exagerada violência nos estádios. A mais importante é a criação do juizado de pequenas causas durante as partidas. O coronel Antônio Carlos Rufino explica: "Precisamos de uma ordem do Tribunal de Justiça de São Paulo para montarmos uma sala de justiça nos estádios e julgarmos os casos de violência na hora." Se for aprovada esta medida, haverá um juiz em todas as partidas para julgar e imediatamente aplicar a pena para o torcedor infrator.

# A violência no mundo

*Não é só no Brasil que existe violência entre torcedores. Em outros continentes é comum tumultos dentro e fora dos estádios, resultando em milhares de vítimas fatais*

**N**a Europa, berço do Primeiro Mundo, as batalhas são mais ferozes, envolvendo grupos de extrema-direita, neonazistas, racistas, e os temíveis *hooligans* ingleses, torcedores que praticamente destroem uma cidade inteira quando se embriagam ou se drogam. Na Inglaterra, eles se dão ao luxo de lançar o serviço "disque-*hooligans*", no qual a organização ensina, com riqueza de detalhes, como agredir o torcedor adversário. Abaixo, as tragédias que abalaram o mundo por causa da violência nos estádios:

**1946** – Bolton (Inglaterra): 33 mortos e 500 feridos em brigas de torcidas.

**1964** – Lima (Peru): 320 mortos e mil feridos em choques entre torcedores e policiais. A batalha ocorreu durante o jogo Peru x Argentina, quando um gol da seleção local foi anulado.

**1967** – Kalsery (Turquia): 41 mortos e 400 feridos em choques de torcedores.

**1968** – Buenos Aires (Argentina): 71 mortos e 83 feridos em incidentes à saída do estádio, quando jogavam River Plate e Boca Juniors.

**1969** – Bukavu (Congo): 27 mortos em incidentes na entrada do estádio.

**1971** – Glasgow (Escócia): dezenas de pessoas caem com a queda de uma barreira metálica, durante o jogo Celtic x Rangers. Resultado: 667 mortos e 100 feridos.

**1974** – Cairo (Egito): A queda de uma arquibancada no Estádio Samelek provoca 49 mortes e ferimentos em 47 pessoas.

**1978** – Kumasi (Gana): 15 mortos na queda de um muro no estádio.

**1981** – Atenas (Grécia): Uma aglomeração provoca 21 mortes e ferimentos em mais de 100 pessoas, quando os espectadores que deixavam o estádio, depois do jogo Olimpiakos x AEK, encontraram as portas fechadas.

**1982** – Moscou (Rússia): 72 mortos e 150 feridos na queda de uma parede do estádio, ao término do jogo Spartak x Haarlem, pela Copa da União Europeia de Futebol.

**1982** – Cáli (Colômbia): Após o jogo Deportivo x America, dezenas de vândalos, que estavam no plano mais alto das arquibancadas, urinaram sobre os torcedores de baixo. Estes, tentando escapar, atropelaram-se, culminando em 24 mortos e 100 feridos.

**1982** – Argel (Argélia): 300 espec-

tadores se aglomeram em um trecho da arquibancada, que acaba cedendo, causando 10 mortes e ferimentos em 535 pessoas.

**1985** – Bradford (Inglaterra): 52 mortos e mais de 200 feridos por causa do incêndio provocado por torcedores nas arquibancadas de madeira.

**1985** – Cidade do México (México): 8 mortos e 29 feridos quando torcedores, fugindo de uma briga, se aglomeraram em um túnel de saída, cuja porta estava fechada.

**1985** – Bruxelas (Bélgica): Torcedores do Liverpool, da Inglaterra, atacam os do Juventus, da Itália, por ocasião da final da Copa dos Campeões da Europa, no Estádio de Heysel. Uma parede não resistiu à correria, caindo e provocando a morte de 39 pessoas e ferimentos em mais de 450.

**1988** – Trípoli (Líbia): Durante amistoso entre as seleções da Líbia e de Malta, um homem puxa o punhal provocando pânico. Os torcedores correm em desespero, provocando a queda de uma parede. Resultado: dois mortos e dezenas de feridos.

**1989** – Londres (Inglaterra): 93 pessoas morreram e 200 ficaram feridas quando milhares de torcedores do Liverpool invadiram uma parte das arquibancadas no Estádio Hillsborough, em Sheffield, para tentar ver o seu time no jogo contra o Nottingham Forest. ■



Tanto o Primeiro como o Terceiro Mundo produzem vítimas nos estádios. O recorde é da Escócia: 667 mortos

# Dois lados da mesma moeda



*Acervo do Dops e de militantes da esquerda na década de 60 reunidos no Arquivo Público do Estado do Rio contam a mesma história, mas de pontos de vista diferentes*

## Carlos Tautz

**C**omo você chamaria as organizações de esquerda que se multiplicaram no Brasil da década de 60? De “clandestinas” ou de “subversivas”? E ativista político? Você o classificaria como “militante” ou “terrorista”? Esse tipo de antagonismo político pode ser consultado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. No final de outubro, o órgão franqueou o acesso a quatro coleções que tratam do mesmo assunto (a história do Brasil político a partir de 1918, e particularmente a partir da década de 60), sob pontos de vista radicalmente diferentes: o oficial, dos órgãos de repressão instalados no Rio, e o dos opositores ao regime militar.

A maior coleção é a dos arquivos das polícias políticas fluminenses, reunindo fotos, filmes, jornais e dois milhões de fichas da espionagem social praticada pelos departamentos de segurança do estado do Rio, de 1918 a 1982. As demais são documentos de três destacados ex-militantes da esquerda nos “anos rebeldes” e contam o outro lado da mesma história. Coincidência ou não, vieram à tona juntos.

O acervo da espionagem política chegou até o Arquivo Público do Rio por força da Constituição de 1988, que instituiu o *habeas data*, segundo o qual todo cidadão pode ter acesso a informações sobre si guardadas em or-

gãos públicos. Mas, até chegar à fase atual, em que qualquer pesquisador pode consultá-los, os 200 mil negativos fotográficos, panfletos e cartazes percorreram caminhos tortuosos.

Nos arquivos dos órgãos de repressão há uma descrição exata de como funcionava a polícia política, atividade que em 1900 era exercida pelo Corpo de Investigação e Segurança Pública da Polícia Civil do Distrito Federal (então no Rio de Janeiro).

Daquela época até 1982, mesmo tendo mudado de nome várias vezes, a espionagem interna sempre foi praticada e o arquivo alimentado por vários órgãos até chegar ao “falecido” Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE).

O órgão, que sucedeu ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Dops), foi extinto em 1982, quando ocorreram as primeiras eleições diretas para governadores desde 1965. No Rio, o opositor Leonel Brizola venceu com larga vantagem e levou para o primeiro escalão do governo vários ex-perseguidos pela ditadura.

Diante do revés eleitoral, as forças da situação estrategicamente transferiram toda a infra-estrutura, material e pessoal do arquivo para a Superintendência da Polícia Federal (PF) do estado. Claro: apesar do ambiente democrático que o país começava a viver no início da década de 80, a PF continuava, em última instância, sob as or-

dens do então general-presidente João Baptista Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) durante o governo Geisel e homem de absoluta confiança dos que gostariam de que fossem mantidas em sigilo todas as informações coletadas pelos órgãos de segurança.

O material ficou na Polícia Federal até 1992, quando a equipe do Arquivo começou a transferência novamente para a esfera estadual. “Fiquei surpresa ao constatar que as fichas foram alimentadas até 1992. Ou seja, a espionagem política continuava a funcionar a pleno vapor”, lembra a arquivista Waldecy Catharina Magalhães. Ela é uma das responsáveis pela organização dos 670 metros lineares de documentos escritos do acervo e faz questão de revelar sua conclusão sobre o trabalho: “A grande lógica por trás da espionagem era a de fazer todo mundo se sentir vigiado. Muita gente consulta o material procurando por relatos de suas atividades e se espanta quando não encontra qualquer registro. O Estado conseguiu o que queria. Todo mundo meio que se auto-reprimia com medo de estar sendo observado.”

O acervo só foi catalogado graças ao convênio firmado em 10 de março de 1993 entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e o Arquivo Público. A partir daí, cerca de 30 historiadores, so-



Fotos de brasileiros fichados por órgãos de espionagem

ciólogos, arquivistas e bibliotecários, amparados por US\$ 85 mil repassados pela Faperj, começaram a garimpagem e conseguiram organizar, até agora, 25% do material.

A arquivista Waldeci conta que o acervo está servindo para, além de resgatar um pouco da história do Brasil neste século, reparar uma série de injustiças. "Recebemos cerca de 40 consultas por mês de pessoas que foram cassadas ou impedidas de assumir uma vaga em órgãos públicos."

Este serviço prestado à democracia vai ganhar dimensão internacional. O Arquivo Público do Estado do Rio, por ser o único no país a desenvolver este trabalho com tamanha dedicação, foi convidado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para participar, como representante brasileiro, da montagem de um cadastro de arquivos dos países que passaram por algum tipo de repressão neste século. Participam do projeto a Rússia (sede da extinta e temida KGB), os Estados Unidos (com os arquivos da onipresente CIA), África do Sul, Portugal, Espanha e França. O objetivo é abrir e conservar estes arquivos para impedir que eles continuem a ser usados como instrumentos de coerção social.

**Arquivo 'de esquerda'** – O acervo "progressista" é formado por jornais e documentos internos de várias correntes da esquerda, inclusive das que pegaram em armas para lutar contra a ditadura militar iniciada em 1964. A maior parte foi reunida por Daniel Aarão Reis Filho, militante da dissidência da Guanabara do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e posteriormente do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), na década

de 60. "Fui militante do MR-8 que existiu até a queda do presidente Salvador Allende no Chile, em 1973", ressalta. Atualmente, um grupo reunido sob a sigla está ligado ao ex-governador de São Paulo, Orestes Quércia.

Em novembro de 1987, Daniel se doutorou em História Social das Idéias na Universidade de São Paulo, defendendo uma tese sobre os movimentos comunistas brasileiros e utilizou o material coletado junto a companheiros de militância. "Os documentos foram deixados sob minha guarda, para pesquisa. Não são meus. Por isto resolvi doá-los", conta Daniel, hoje professor de História na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Também integram o acervo de Daniel as coleções do ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) Jean Marc van der Weid e de Jair Ferreira de Sá (já falecido), antigo dirigente nacional da organização clandestina Ação Popular (AP).

O que as coleções contam é uma verdadeira aula de História. Siglas de várias organizações clandestinas de esquerda se misturam a documentos de análise política estratégica que vislumbravam ser possível transformar o Brasil numa república socialista.

Daniel foi um dos que desejou a utopia. Acabou preso. Em junho de 1970, embarcou banido para a Argélia, depois de ter sido um dos 40 presos políticos trocados pelo embaixador alemão Ehrenfried von Hollenben, seqüestrado no Rio por membros das organizações armadas de esquerda Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e Ação Libertadora Nacional (ALN).

Para Daniel – que até julho era presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) no município do Rio –, o fato de as coleções serem franqueadas

ao público demonstra que amadurece o nível das pesquisas sobre a esquerda no Brasil. "De uns dois anos para cá, apareceram pelo menos três trabalhos de muito boa qualidade. Os eventos que discutem a esquerda têm público e os livros, embora ainda tenham que ter mais aprofundamento, são de bom nível. Deixaram de ser simples biografias ou apologias e começaram a se tornar estudos sérios."

Outro fornecedor de material foi Jair Pereira de Sá, dirigente nacional da Ação Popular, uma das maiores organizações de esquerda que resistiram à ditadura. Jair contrariou todas as normas de segurança da AP e manteve consigo documentos que hoje permitem traçar a trajetória da sua organização e de boa parte da esquerda armada. Apesar de viver na clandestinidade a partir de 1967, nunca deixou o Brasil e aqui coletou todo o material que forneceu para a tese de Daniel. Completou o mestrado em Ciências Sociais em 1982 e morreu em 1985.

Jean Marc van der Weid também pertenceu à AP. Foi o último presidente eleito da UNE em 1969, quando foi preso e banido para o Chile. Dali, foi para a Europa, onde se tornou coordenador dos Comitês pela Anistia no continente. Em 1979, ano da anistia no Brasil, interrompeu o doutorado em economia agrícola e voltou para o país. Fundou e hoje coordena uma organização não-governamental (ONG), a AS-PTA, de assessoria a projetos populares de agricultura alternativa.

Para Daniel Aarão Reis Filho, não foi o destino quem reuniu materiais tão díspares no mesmo tempo e espaço. "Foi a luta dos brasileiros por anistia e liberdades democráticas que originou coincidências como esta". ■

# O Natal em que Hong Kong caiu

*Após 53 anos, a invasão japonesa à colônia britânica, durante a II Guerra Mundial, ainda é uma terrível mancha na história recente de Hong Kong*



Base aérea britânica durante a II Guerra Mundial: a ajuda esperada pelas autoridades de Hong Kong nunca chegou

## Carlos Pinto Santos

**N**o dia 8 de dezembro de 1941, segunda-feira, 4 horas e 45 minutos. Hong Kong.

Cumprindo uma rotina pouco do seu agrado, mas a que estava obrigado desde o seu destacamento na colônia britânica<sup>1</sup>, em dezembro de 1936, o major Charles Boxer, do Regimento de Lincolnshire e oficial superior do Serviço de Informação no quartel-general, roda o botão do aparelho e sintoniza Rádio Tóquio. A crepitação irritante não lhe permite entender a voz da locutora. Desliga.

Charles Ralph Boxer, 45 anos, tem pouco a ver com o clássico oficial do

exército britânico. Neto, filho, irmão de militares, propusera-se ir para Hong Kong não propriamente por um sentimento patriótico, mas pelo fascínio do Oriente, paixão antiga, cuja raiz estaria talvez no dia em que, ainda criança, ganhou do pai um barquinho de guerra japonês.

Na Academia Militar, e depois na rigorosa especialização no Serviço de Informação britânico, escolhera a opção de línguas orientais. Aplicara-se com tenacidade ao ponto de estar qualificado como intérprete de japonês de primeira classe quando foi mandado para Hong Kong.

Num dia do princípio da década de 20, o jovem primeiro-tenente entrara num sebo de Tóquio para descobrir e

comprar a peso de ouro as “Décadas da Ásia”, de João de Barros, edição de 1563. Começaria aí a atração pela presença portuguesa no Extremo Oriente que nunca mais o abandonaria durante toda a vida e que lhe faria escrever milhares de páginas, centenas de títulos, dedicadas aos heróis e vilões desse povo andarilho.

Estudioso por gosto e dever de ofício de assuntos do Império do Sol Nascente, chegara à conclusão de que o registro das relações do Japão com o Ocidente tinha de partir do entendimento dos laços criados com os portugueses.

Mas, naquela madrugada de dezembro de 1941, o dever impunha-lhe a escuta da Rádio Tóquio. Volta a sintonizar a estação, agora perceptível.

Subitamente, a doce voz da locutora é interrompida para dar lugar a outra, áspera e metálica, comunicando a todos os cidadãos japoneses espalhados pelo mundo, e a Charles Boxer em primeira mão, que o Império do Sol está em estado de guerra com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Boxer precipita-se para o telefone militar e quatro minutos mais tarde, tanto o major-general Christopher M. Maltby, comandante supremo das tropas britânicas na China, como *sir* Mark Aitchison Young, governador de Hong Kong, estão a par da situação.

**Supremacia aérea em cinco minutos** – Às oito horas em ponto daquela segunda-feira, aviões japoneses rasgam o azul do céu de Hong Kong e destroem toda a Força Aérea britânica estacionada na colônia: três obsoletos bombardeiros Wildebeeste e dois antiquados anfíbios Walrus. Os oito aviões estacionados na pista são destruídos, os navios ancorados no porto colocados a pique, os depósitos de combustível incendiados e as fortificações de Shingmun Redoubt e nas colinas da península de Kowloon são fortemente danificadas.

Cinco minutos bastam para os japoneses ganharem a supremacia aérea da batalha que se inicia. Mas o ataque a Hong Kong é apenas uma das frentes abertas na fulminante campanha japonesa da Ásia e do Pacífico.

Nessa manhã de 8 de dezembro de 1941, nem Charles Boxer nem o alto comando britânico da colônia sabiam ainda que 24 horas antes o almirante Yamamoto, comandante-em-chefe da 1ª Esquadra nipônica, desencadeara o bombardeio ao porto de Pearl Harbour causando uma espetacular derrota à Marinha e à Força Aérea norte-americana do Pacífico. Apenas os porta-aviões, em manobra ao longo da costa, escaparam, um fato que iria custar muito caro aos japoneses, meses depois, durante a batalha de Midway.

**Ambições expansionistas subestimadas** – No dia do ataque a Hong Kong, as forças japonesas desembarcam na costa setentrional da Malásia. As bases aéreas norte-americanas de Clark, ao norte de Manila (Filipinas) e das ilhas de Midway, Wake e Guam são arrasadas. Uma chuva de bombas é despejada sobre Cingapura, símbolo da força britânica no Extremo Oriente, conhecida como “fortaleza inexpugnável” ou “Gibraltar asiático”. Quando, dois meses mais tarde, as tropas do general Yamashita atacaram por terra, os britânicos amargaram em Cingapura mais um desastre militar.

Segundo os livros de história, os Aliados subestimaram, até demasiado tarde, as ambições do Império do Sol Nascente pelo domínio da Ásia e do Pacífico. E, no entanto, o Japão colonizava a Coréia desde 1910, dominava a Mandchúria (China) desde 1931, entrara em guerra aberta com os exércitos de Chiang Kai Shek e de Mao Zedong em 1937, e ocupara a Indochina em setembro de 1940.

Mas isso ainda não era suficiente para levar os Aliados a uma avaliação correta da situação, como atesta um comunicado emitido em Washington pela Casa Branca em 26 de outubro de

1941: “Há um consenso de que a guerra no Extremo Oriente é, por enquanto, improvável.”

No que diz respeito a Hong Kong, o poderio militar britânico é pouco mais que risível. Doze mil homens constituem a guarnição da colônia quando o major-general C.M. Maltby assume, em setembro de 1941, a chefia das tropas britânicas na China. Tem sob as suas ordens seis batalhões e uma unidade de artilharia, além da ajuda de um Corpo de Voluntários.

**Kowloon conquistada** – Do outro lado da fronteira, em To Kat, a apenas 13 quilômetros, três divisões japonesas com aproximadamente 60 mil homens do 23º Exército, comandado pelo tenente-general Sakai, estão concentradas desde 5 de dezembro aguardando a ordem de ataque.

Observam as posições fortificadas britânicas na península de Kowloon e vão evitar, até quando for possível, um confronto aberto. Não porque o tenente-general Sakai se preocupe muito com as baixas nas suas tropas – no Exército japonês os mortos e feridos abaixo de capitão não entram nos relatórios –, mas por uma questão de prestígio pessoal.

Confiante no poderio dos 60 mil



Tóquio: uma cerimônia com veteranos da Marinha japonesa relembra a rendição de seu país



Durante a II Guerra, o Pacífico conheceu grandes batalhas navais

homens a seu mando, bem informado pelos seus agentes na colônia sobre o dispositivo de defesa britânico, Sakai quer enviar rapidamente para o alto comando em Tóquio o anúncio da tomada de Hong Kong num tom de quase displicência.

O embate se dá na manhã do dia 10. O nevoeiro atrasa a progressão dos japoneses, que só alcançam a parte mais alta da península, rastejando em silêncio, quando já é noite cerrada. Por volta da meia-noite, as granadas caem sobre as tropas de defesa da colônia, que respondem ao fogo do inimigo, mas são incapazes de repelir o audacioso golpe dos japoneses. A batalha termina na manhã seguinte. Ao meio-dia de 11 de dezembro, o major-general Maltby manda retirar todas as tropas de Kowloon, concentrando-as na ilha.

**Sakai quer rendição incondicional** - Na manhã do dia 13, uma lancha hasteando uma bandeira branca desembarca na ilha o coronel Tokuchi Chada e mais três oficiais nipônicos. São portadores de uma carta para *sir* Mark Young na qual Sakai exige a rendição incondicional da colônia. No caso de recusa, ameaça abrir fogo de artilharia indiscriminadamente e bombardear todo território da ilha.

O governador responde com um ta-

xativo "Não". Ele e Maltby contam ainda com a vinda de reforços de Cingapura, liderados pelo príncipe de Gales, ou com o auxílio do 7º Exército chinês que, de acordo com informações do estado-maior chinês em Chungking, avança em direção a Hong Kong para atacar a retaguarda dos japoneses. São reforços que nunca chegarão.

No dia seguinte, em Londres, enquanto *The Times* tenta tranquilizar a opinião pública assegurando que o comando britânico não foi apanhado de surpresa e que Hong Kong tem condições para suportar um cerco prolongado, o *Daily Express* alerta que pode ser eminente um ataque à ilha ainda mais violento. Enquanto isso, a Rádio Tóquio garante que a rendição de Hong Kong é uma questão de dias.

Maltby coloca suas tropas em posições defensivas estratégicas ao longo da costa. Cinco baterias e sete companhias de atiradores do Corpo de Voluntários são espalhadas por toda a ilha em posições estratégicas de apoio às tropas regulares.

Com o controle total da península de Kowloon, Sakai não perde tempo e decide atacar através do porto. Mal recebe a negativa de *sir* Mark Young, cumpre o prometido, abrindo fogo cerado sobre as posições britânicas e bombardeando, ferozmente, as instalações portuárias. Suspende o ataque

na manhã do dia 17 e envia nova missão ao governador.

Ao meio-dia, uma pequena lancha, desta vez com uma enorme bandeira branca onde se lê "Missão de Paz", larga no cais de Victoria três mensageiros. Charles Boxer é o encarregado de receber a delegação japonesa. Imperturbável e solene, o oficial Otshu - a quem Boxer conhecia de suas visitas ao Japão e com quem travara interessantes conversas sobre a história nipônica - comunica porque está ali, retirando da pasta uma carta para o governador.

Boxer leva a mensagem ao palácio do governador e traz sua resposta. Otshu a lê e traduz, mecanicamente. Na lacônica resposta, *sir* Mark Young tinha escrito: "O governador e comandante-em-chefe de Hong Kong declina, totalmente, o propósito de estabelecer negociações para a rendição de Hong Kong e aproveita a oportunidade para declarar que não está preparado para receber qualquer outra comunicação sobre o assunto."

#### A pior semana de Hong Kong -

No dia seguinte recomeçam os bombardeios, mais violentos do que nunca. O tenente-general Sakai está irritado com a obstinação dos britânicos e preocupa-se com as pressões do alto-comando de Tóquio, que dá mostras de incompreensão pela demora da vitória.

Na noite de 18 de dezembro inicia-se a semana mais terrível da história da colônia. Após o bombardeio do porto, que põe os reservatórios de combustível em chamas, sucessivas levadas de barcos de assalto vindos de Kai Tak desembarcam a noroeste da ilha. São cerca de 7.500 homens que partem para um ataque demolidor, ganhando terreno rapidamente.

A resistência das tropas compostas por britânicos, indianos, canadenses e dos Corpos de Voluntários é impotente para deter o fulminante avanço dos japoneses. A proporção é de um contra cinco e as munições começam a faltar. Na luta corpo a corpo que se desenrola em todas as frentes as baixas das tropas sob o comando do major-general Maltby são elevadas.

Apanhada de surpresa, a 5ª bateria antiaérea do Corpo de Voluntários

é cercada pelo inimigo e intimada a render-se. Os soldados japoneses massacram à baioneta, um a um, friamente, 27 voluntários, entre os quais vários portugueses. Apenas dois combatentes da 5ª bateria se salvam porque os japoneses os julgam mortos.

Não será a única atrocidade das tropas nipônicas: enfurecidos com a resistência britânica, soldados de Sakai irrompem no hospital de Saint Stephen e liquidam à baioneta o pessoal médico e os feridos.

Na manhã do dia 19, metade da ilha está em poder dos japoneses. As mulheres e crianças britânicas refugiadas no Hotel de Repulse Bay, fugidas de Kowloon, vêem-se cercadas e feitas prisioneiras dois dias depois.

**A derrota** – Na véspera do Natal, as tropas britânicas sabem que o fim está iminente. Mas *sir* Mark Young se recusa a admitir a derrota.

Os contínuos relatos sobre a gravi-

dade da situação e a opinião realista do major-general Maltby não são suficientes para o governador desistir de enviar à colônia na manhã de 25 de dezembro uma mensagem patética: “Com orgulho e admiração – proclama o governador – envio neste dia de Natal as minhas congratulações a todos que combatem e a todos que estão trabalhando de forma tão nobre para Hong Kong repelir o assalto do inimigo. Lutemos!”

Durante a manhã de 25 de dezembro, Maltby faz um último reconhecimento da frente de batalha. Às três da tarde vai ao palácio do governador e comunica a *sir* Mark Young que seria inútil continuar resistindo e só teria como resultado a perda inglória de vidas humanas.

O governador fita gravemente o comandante-em-chefe das tropas britânicas na China e, após uns instantes de silêncio, dá a sua anuência. Quinze minutos mais tarde, Maltby envia ordens a todos os oficiais de comando para se renderem com os seus homens ao comandante japonês mais próximo das suas posições. Uma hora depois, a bandeira branca está hasteada por toda a ilha.

Na noite de Natal, no Hotel Península, em Kowloon, *sir* Mark Young, governador da colônia, rende-se formalmente, sem condições, ao tenente-general Sakai, comandante do 23º Exército japonês.

A resistência, no entanto, não é suspensa em todo o território de Hong Kong. Na península de Stanley, o comandante britânico recusa-se a acreditar na rendição do governador e só um despacho de *sir* Mark Young faz parar os combates nos dia 26.

A ocupação japonesa se prolongará até a chegada dos norte-americanos, a 14 de agosto de 1945. A 1º de maio do ano seguinte, *sir* Mark Young reassumirá o governo da colônia.

**Importância estratégica questionada** – Quando se fez mais tarde o saldo das baixas dos defensores de Hong Kong os números variaram entre os cálculos de Maltby (4 mil mortos e 9 mil feridos) e outras fontes, que estimaram 1.045 mortos, 2.300 feridos e 1.068 desaparecidos, sem contar com milhares de outros soldados mortos nos campos de horror dos prisioneiros de guerra. Sobre as baixas japonesas, as estimativas dizem apenas que foram pesadas.

Certamente, muitos mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros não gostariam de ler as análises históricas do major-general S. Woodburn Kirby em “A guerra contra o Japão”, onde considerou nunca ter tido a colônia importância estratégica. “O ganho – escreveu ele – de alguns dias extras de resistência não teve qualquer efeito no decurso dos acontecimentos, da guerra do Pacífico. O envio de reforços teria constituído uma lamentável perda de recursos humanos.”

**Nos campos de prisioneiros** – Nas milhares de páginas publicadas por Charles Boxer não se conhece qualquer reflexão estratégica sobre a batalha de Hong Kong. Mas sabe-se o que foram os três anos e meio da sua vida após a rendição.

Ferido no braço esquerdo na manhã de Natal, é feito prisioneiro e levado a tribunal marcial japonês. Escapa ao pelotão de fuzilamento que executou muitos oficiais britânicos e é internado no campo de prisioneiros de Cantão, condenado a 35 anos.

Sobrevive graças a alguns triunfos importantes. Fala a língua do inimigo, conhece sua história antiga e contalhes que, ainda menino, recebera do pai um barquinho japonês. É o quanto basta para estabelecer uma relação amigável com os carcereiros e ganhar pequenos favores para os seus parceiros de reclusão.

Depois da guerra, recupera sua enorme biblioteca confiscada na rendição de Hong Kong e expedida para Tóquio. Visita várias vezes o Japão, mas nunca consegue reencontrar Otshu.

<sup>1</sup>Um acordo assinado pela Grã-Bretanha e a China em 1984 prevê a volta de Hong Kong à soberania chinesa em 1997, 155 anos depois de ter sido cedida ao governo inglês



Hong Kong, hoje um dos “tigres asiáticos”